

A COMPETIÇÃO NO ESPORTE COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO

1-Leopoldo Katsuki Hirama, 2- Paulo César Montagner.

Leopoldo Katsuki Hirama, Instituição: Instituto Esporte e Educação, São Paulo, SP- Brasil
leopoldohirama@yahoo.com.br, Endereço: Rua 7, n 332b, Residencial Terra, Nova, Campinas,
SP. Cep 13084-695, Tel: 19 32493157/ 19 91725962, Paulo César Montagner, Instituição:
Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, SP- Brasil, pcesarm@fef.unicamp.br

A COMPETIÇÃO NO ESPORTE COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO.

PALAVRAS-CHAVES: Competição; Pedagogia do Esporte; Projeto Social.

RESUMO

A educação física vem vivendo um momento de busca de sua identidade de atuação. O esporte sempre foi considerado como conteúdo desta área, no entanto, alguns estudiosos vem defendendo a tese de que a competição, qualquer que seja, em especial a vinculada às modalidades esportivas, exercem uma influência negativa no processo educativo. Por outro lado, autores também importantes defendem a utilização de características positivas que só a competição pode oferecer. Buscando relação com estes estudos, relata-se a experiência com um grupo de adolescentes de Heliópolis, São Paulo, que vivenciaram o esporte competitivo.

ABSTRACT

The Physical Education has been searched of a plane of action. Sport always has been considered a content of this area, but some searches defends the competition, principally that one link with sports, like a bad influence on educational process. However, some important researchers, defends the positive aspects that the competition can to offer. In a relation with this searches, an experience account with a teenager group from Heliópolis, São Paulo, that live the competition sport.

INTRODUÇÃO

Vem ocorrendo na educação física uma discussão a respeito da competição como componente positivo ou não em atividades educacionais na área. Alguns autores propõem atividades que não estimulem a competição, alegando que este componente desenvolve valores negativos como o egoísmo, a agressividade, o individualismo, e sim ações cooperativas com ênfase na participação de todos, no auxílio mútuo, na igualdade de oportunidades. Maturana (1998) afirma não acreditar que a competição possa ter elementos positivos, exemplificando que no esporte a vitória é sempre a negação do perdedor. Orlick (1989) também concorda, mostrando um estudo sobre povos que vivem relativamente isolados e que tem costumes não competitivos e sim cooperativos em comparação com a maioria da civilização contemporânea, caracteristicamente competitiva. Nas sociedades cooperativas as ações amistosas são constantes, apresentando muitos comportamentos que sugerem compreensão da existência do outro e sua importância no grupo. Já nas sociedades competitivas as ações inamistosas são constantes e quando acontecem eventos amistosos, estes tem pouca chances de serem retribuídas. Broto (2001, p 56) faz comparação nos jogos cooperativos e competitivos deixando explícito as diferenças entre eles:

Jogos competitivos	Jogos cooperativos
São divertidos apenas para alguns	São divertidos para todos
A maioria tem o sentimento de derrota	Todos tem sentimento de vitória
Alguns são excluídos por sua falta de habilidade	Há mistura de grupos que brincam juntos criando alto nível de aceitação mútua
Aprende-se a ser desconfiado	Todos participam e ninguém é rejeitado ou excluído
Os perdedores ficam de fora do jogo e simplesmente se tornam observadores	Os jogadores aprendem a ter um senso de unidade e a compartilhar o sucesso
Os jogadores não se solidarizam e ficam felizes quando alguma coisa de ruim acontece aos outros	Desenvolvem auto-confiança porque todos são bem aceitos
Pouca tolerância à derrota desenvolve em alguns jogadores um sentimento de desistência face à dificuldades	A habilidade de perseverar face as dificuldades é fortalecida
Poucos se tornam bem sucedidos.	É um caminho de co-evolução.

No exercício da profissão como técnico de voleibol foi possível constatar, em vários casos, trabalhos que indicavam o desenvolvimento de valores negativos em busca da vitória.

No entanto, embora raros, encontrou-se profissionais preocupados e conscientes do caminho perigoso que a competição pode seguir e assim conseguiram direcionar suas ações para o desenvolvimento de valores positivos.

Na busca de bases teóricas que possam reforçar a prática positiva utilizando-se da competição encontrou-se vários autores.

Freire (1996) afirma que a competição é um fator forte na sociedade e combate o costume de lidar com problemas apenas negando-o, referindo-se a um grupo de profissionais de educação física que propunham extinguir com qualquer atividade competitiva nas aulas.

Machado (1994, p. 127) alerta:

Omitir a competição numa sociedade que a mantém em sua natureza é criar um quadro artificial que levará a aquisição forçada de situações abstratas, servindo mesmo para provocar ou acentuar desajustamentos, marginalização e conflitos diante da realidade social em que vivem, de fato.

E quando se refere à competição logo se relaciona ao esporte, este fenômeno que está inserido no cotidiano da humanidade e que exerce influências em diversos setores da vida contemporânea.

O esporte está instalado de forma cultural, política e econômica. E os alunos recebem todos os dias estas influências, na forma de espetáculo, de sonhos, de lazer, de ídolos, entre muitos outros.

E como é possível propor a deixá-lo de lado em nas aulas de educação física ? Como um componente tão presente na vida pode ser omitido ou substituído?

Segundo Machado (1994) a competição não deve degenerar num fim em si mesma e sim ser um meio de motivação, de estimulação para a superação dos próprios limites, pois o esporte é a única atividade social que busca a dificuldade com o objetivo de a vencer. Em qualquer outra atividade social procura-se evitar e eliminar as dificuldades.

Uma situação da competição bastante discutida, é o desenvolvimento da frustração e da diminuição da auto-estima frente às derrotas. Jabu (2000, p. 17) rebate afirmando:

Na competição, o importante é ser competente, disputar com dignidade, obedecendo às regras e, quando possível, ganhar” E acrescenta: “ ...porque perder significa lidar com a frustração e não se abater com ela. Não se sair bem não significa ser incapaz. Reconhecer nossas falhas e limites é o primeiro passo para superá-los. Esse é um sentimento que surge muitas vezes na vida, nas situações mais diversas.

Ainda sobre frustração proveniente das derrotas Cagigal (1972, p.72 e 73) afirma :

La vida humana es lucha.

fazendo menção às muitas vezes que não atingimos o que pretendemos, nas muitas derrotas da vida.

La mejor herãncia que puede um padre a su hijo o um educador a su discípulo es la firmeza de aspirar al triunfo y la capacidad de assimilar la derrota.

Esta citação remete a questão: como pode-se pensar em educação sem a frustração, a perda, a derrota ? Como indicar o caminho da superação, da busca por melhoras sem que

haja o desequilíbrio do desafio. E a questão que norteia este trabalho: a competição pode ser um meio para oferecer este desafio ?

Citando o mesmo autor :

[...] pero a um pedagogo que debe aproveitar el deporte dentro de la coyuntura actual como elemento educativo y por consiguiente estructurador y proveedor de la personalidad, tal tesis lê dice nada positivo. Es menester descubrir em lãs estructuras Del próprio deporte sus elementos educativos, que ayuden directamente a esa maduración de la personalidad.

Broto(2001, p. 26) define da seguinte maneira a competição:

Para que um dos membros alcance os seus objetivos, os outros serão incapazes de atingir os deles, caracteriza -se como uma situação competitiva.

Para Zajonc apud Broto(2001, p.26):

Uma atitude é competitiva, quando o que A faz, é no seu próprio benefício, mas em detrimento de B, e quando B faz em seu benefício mas, em detrimento de A.

É possível concordar com tais definições se o objetivo imediato for **vencer** a partida, jogo ou situação. Mas se se encarar uma partida ou um campeonato como meio de desenvolvimento de outras qualidades como trabalho em equipe, superação das frustrações, humildade, esforço para superar os limites individuais e coletivos, somente os grupos vencedores têm sucesso ? Aqueles que segundo as definições acima, são os excluídos pela derrota não podem ter alcançado seus objetivos ? E se alcançarem sucesso, mesmo que gradativo, nas qualidades citadas, este grupo não estará cada vez mais perto de vencer também ? E vencendo não estarão estimulando os vencidos a se desenvolverem ?

Na busca de respostas às questões anteriores foi realizado este estudo aproveitando-se das experiências vividas em um projeto social em Heliópolis, maior favela do estado de São Paulo.

Com cerca de 100 mil habitantes, esta grande comunidade sofre com a exclusão que acontece de várias maneiras. Escolas ruins, professores desmotivados, falta de espaços culturais, violência aliado ao tráfico que acontece em cada rua e esquina são alguns fatores que contribuem para que suas crianças e jovens vivam excluídos vivendo dentro e próximo do centro da maior cidade do Brasil. Segundo Guará (2003, p.33):

Crianças e jovens demitidos dos espaços do saber organizado irão se tornar adultos inabilitados para lidar com fatos, conceitos e condutas da vida nos padrões exigidos pelo mundo globalizado.

Com objetivo de combater esta exclusão e desenvolver, através do esporte educacional, aspectos psico-motor, sócio-afetivo e cognitivo dos alunos, foi desenvolvido o projeto foco deste estudo.

A coordenação pedagógica deste projeto é realizada pela ONG Instituto Esporte e Educação com a parceria da iniciativa privada e associações do bairro, oferecendo-se aulas de voleibol duas vezes por semana além de diversas ações educativas na forma de eventos.

As aulas iniciaram-se em 2002 com o propósito de atender 200 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. No ano seguinte ampliou-se o número de vagas para 400 e formou-se um grupo que excedera a idade limite. Após a reivindicação deste grupo para a continuidade das aulas e frente ao grande risco destes adolescentes estarem em idade alvo para o aliciamento do tráfico decidiu-se montar a primeira turma acima de 14 anos, agora com um caráter diferenciado.

O relato da experiência deste grupo é o foco deste estudo. As aulas iniciaram-se em março de 2003 com 30 jovens de 15 anos divididos em igual número entre meninos e meninas.

Os objetivos específicos do trabalho com estes jovens era diferenciado dos demais alunos mais novos. As aulas com ênfase na diversificação de estímulos, na ludicidade e na compreensão básica do jogo passaram a ter caráter de treinamento buscando a continuidade do processo que haviam passado com o voleibol. Além disto foi desenvolvido um sentimento de co-responsabilidade pelo núcleo, estimulando-os a atuarem como monitores nas aulas e formando um grupo de arbitragem para os festivais realizados todo ano.

Quando se refere ao treinamento, é normal relacionar-se automaticamente à competição e a da seleção dos mais aptos. Neste caso o critério principal foi fazer parte do projeto e ter mais que 14 anos.

Assim não houve nenhum tipo de seleção com relação a potencial físico ou motor. Todos os adolescentes que já participavam do projeto e que gostariam de dar continuidade no desenvolvimento do voleibol tiveram suas vagas garantidas. Portanto, a equipe era bastante heterogênea, formada com jovens com grande habilidade e outros nem tanto e outros ainda com muitas dificuldades motoras. No que se refere aos aspectos cognitivos e sócio-afetivos a heterogeneidade era também marcante.

No ano inicial foram montados dois grupos, um feminino e outro masculino e treinavam duas vezes por semana durante uma hora e meia . Não participou-se de competições oficiais. Foi realizado somente um festival convidando algumas equipes de mesmo nível e características.

No entanto, em 2004, houve grande desejo por parte do grupo de participar de um campeonato . Desta maneira a equipe masculina se inscreveu no Campeonato Pré-Olímpico que reúne equipes da Capital e Grande São Paulo. Esta competição ocorre durante todo o ano e reúne, em geral, equipes de clubes que optaram por não participar do campeonato da federação paulista por ser de custo muito alto.

Antes da confirmação da participação aconteceram várias conversas sobre o nível das equipes e as grandes possibilidades de derrotas que enfrentariam, levantando nestas ocasiões todas as dificuldades e diferenças de situações que enfrentaram em comparação aos nossos adversários. Mesmo assim a decisão de participar foi unânime.

O campeonato possuía 8 equipes inscritas na categoria infanto-juvenil, até 18 anos. Jogou-se ao todo 14 jogos, em turno e retorno.

Os resultados, estatisticamente, foi negativo:

14 jogos, 13 derrotas e apenas 1 vitória.

Total de sets jogados: 46.

Total de sets perdidos: 42

Total de sets ganhos: apenas 4.

Colocação: oitavo lugar.

No entanto, acredita-se que esta experiência foi extremamente positiva. Com o objetivo para os adolescentes de que a competição deveria trazer vivências importantes para o aprendizado, crê-se ter alcançado proveitosos avanços.

Em acordo com Machado (1994), Cagigal (1972) e Jabu (2003) buscou-se com a competição a auto-avaliação do grupo, resolver os problemas que surgiram, traçar novas estratégias e superar as dificuldades encontradas.

Também era esperado conhecer novos ambientes, equipes diferentes, novas maneiras de se jogar.

A frustração diante das derrotas era uma grande preocupação. Como afirma Cagigal (1972), a intenção era a de que os alunos fossem capazes de lidar bem com este sentimento, buscando superá-lo.

O que foi observado deste grupo diante desta experiência foi muito positivo. Acredita-se ter alcançado os objetivos propostos. A maneira como reagem aos jogos, buscando a cada derrota avaliar seus pontos positivos e negativos, tendo claro suas tarefas nos treinamentos foi clara.

A transformação da simples reunião de vários jovens em um grupo unido, em busca da melhoria, também foi notório. As responsabilidades de cada integrante aumentava juntamente com as cobranças mútuas.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Como método para avaliar o processo utilizou-se a **análise de conteúdos** que segundo Lakatos (1982, p. 100);

É uma técnica que visa aos produtos da ação humana, estando voltada para o estudo das idéias e não das palavras em si.

Para levantamento dos dados utilizou-se um questionário com duas perguntas abertas aplicadas após o término do campeonato:

1- O que você achou da experiência de participar do campeonato pré-olímpico neste ano ?

2 – O que espera para o ano que vem ?

Foram um total de 13 redações respondidas, número total de adolescentes participantes do campeonato.

Os resultados foram reunidos por temas na busca de sínteses coincidentes, divergentes ou neutras conforme Trivinos (1992, p. 161)

Temas presentes nas redações agrupados por assunto	Número de vezes que o assunto foi citado
Superou medo, nervosismo, desânimos, frustrações e desafios	9
Ajudou a amadurecer, ter mais confiança em si mesmo, mais força de vontade, raça e garra	8
Vitórias e derrotas trazem lições para a vida	7
Desenvolvimento do sentido de união do grupo, trabalho em equipe, apoio dos amigos.	6
Reflexão e discussão sobre assuntos de jogo e campeonato, levantamento dos erros e estratégias.	6
Sentiu medo e nervosismo	4
Jogou com prazer, alegria, respeitando o adversário	4
Conheceu clubes e equipes	3
Sentiu tristeza por causa das derrotas	1

Na segunda questão da redação foi perguntado aos alunos o que esperam do ano seguinte (2005). Eis as respostas:

Temas presentes nas redações agrupados por assunto	Número de vezes que o assunto foi citado
Tornar a equipe mais forte e unida	7

Continuar aprendendo coisas para a vida.	6
Competir novamente.	4
Continuar se superando.	4
Nos tornarmos mais maduros, dedicados e confiantes.	3
Ter o mesmo professor como técnico.	2
Continuar ajudando.	2
Se tornar pessoas mais autônomas.	1
Ser campeão no campeonato.	1
Continuar sendo um vencedor.	1
Continuar persistindo, perseverando.	1
Conhecer mais pessoas.	1
Me espelhar nos professores do projeto.	1
Treinos mais fortes.	1
Passar no vestibulinho.	1
Entrar no campeonato com o medo e a ansiedade já superados.	1

Através desta análise foi possível perceber que a competição provocou reações positivas no comportamento dos jovens.

Os temas citados que poderiam ser considerados negativos como sentir medo, nervosismo e tristeza por causa das derrotas, vem acompanhadas por descrições que sugerem superação e aprendizado. Além disto são sentimentos que estão presentes em qualquer competição e necessários para que a necessidade de aprimoramento esteja clara.

Relacionando as respostas da 1ª. questão com a 2ª. é possível indicar que os sentimentos de medo, tristeza e nervosismo não foram suficientes para tirar-lhes o desejo de continuar o processo. As respostas da 2ª. questão sugerem evolução, superação, continuidade.

Acredita-se que um dos fatores responsáveis por esta postura é o objetivo traçado para a competição. O alvo principal não era ganhar os jogos. Buscou-se a vitória, mas ela viria através da construção de valores importantes na vida de qualquer pessoa como perseverança, superação de desafios, trabalho em equipe, humildade, auto-conhecimento, e muitos outros citados nas redações.

Vários objetivos foram cumpridos nesta ação:

- Reforçou-se a imagem de exemplos positivos para os alunos mais novos.
- Os adolescentes entenderam mais profundamente suas responsabilidades como exemplos.
- O grupo amadureceu criando-se vínculo fortes de amizade e respeito.
- Ofereceu-se oportunidades de ampliação de seus universos culturais, pois iniciaram seus conhecimentos nas bases fisiológicas do treinamento físico, nutrição, prevenção, conhecimentos técnicos e táticos do esporte, valores positivos e negativos da competição, visitaram outros centros esportivos e cidades .
- Desenvolveu-se a vontade, a sede por continuar a aprender, a se aprimorar.

CONCLUSÃO

Diante das atuais reflexões sobre as conseqüências positivas e negativas da competição decidiu-se realizar este estudo que procura investigar os resultados observados de um grupo de adolescentes que vivenciaram um campeonato de voleibol com duração de um ano.

Os objetivos traçados para esta participação foi a da busca por dar continuidade no aprendizado da modalidade, vivenciar estímulos de trabalho em grupo, superação de limites, frustrações e ampliação do universo cultural.

Reunindo as observações levantadas pelo professor-pesquisador com a análise das questões respondidas pelos alunos conclui-se que a experiência da competição neste caso foi positiva.

As características negativas levantadas por diversos autores não foram percebidas na análise dos dados.

Por outro lado, características positivas foram demonstradas claramente, como mostram as respostas.

As informações colhidas levam a crer que a experiência da competição para o grupo estudado estimulou aspectos importantes para sua formação levantando a necessidade de maiores e mais aprofundados estudos a este respeito.

BIBLIOGRAFIA

BROTTO, F O. *Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como exercício de convivência*. Santos, Editora projeto Cooperação, 2001.

CAGIGAL, J. M. *Deporte, pulso de nuestro tiempo*. Madrid, Espanha, 1972.

FREIRE, J. B. *Esporte Educacional* (p. 76 a 83) In: *Esporte Educacional: uma proposta renovada* / org. Cesar Barbieri et. Al.; Ari F. Bittar et. Al., Recife : UPE-ESEF/MEE/INDESP, 1996.

GUARÁ, I. M. F. R. *Muitos lugares para aprender*. São Paulo, CENPEC/ Fundação Iatú Social/Unicef, 2003.

JABU, M. B. *ONG e esportes: a cidadania entrando em campo*. São Paulo, CENPEC, 2000.

MARCONI, M. A. & LAKATOS E.M. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1982.

MATURANA, H. R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte, ed. Humanitas, 1998.

MACHADO, A. A. *Aspectos psico-pedagógicos da competição esportiva-escolar*. Campinas, SP: Unicamp, dissertação de mestrado, 1994.

MONTAGNER, P. C. *A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva*. Campinas, S.P: Unicamp, tese de doutorado, agosto de 1999.

ORLICK, T. *Vencendo a competição: como usar a cooperação*. São Paulo, ed. Círculo do Livro, 1989.

TRIVINOS, A.N. *Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, editora Atlas, 1992.